

ABCESSO / ABSCESSO

Simônides Bacelar¹

Síntese. Abcesso e abscesso são grafias existentes na literatura médica e, assim, têm uso legitimado. Por essa razão não deve, nenhuma dessas formas, ser titulada como erro de grafia, mas ambas como formas variantes. Contudo, *abscesso* apresenta-se como feitiço preferencial, sobretudo em registros formais, por ser mais usado, mais dicionarizado, ter base etimológica mais consistente e ser menos possível de levantar questionamentos.

Questões. Existem controvérsias a respeito das grafias abcesso e abscesso. No início do século XX, a forma abcesso era de uso comum, talvez por influência do francês *abcés* (Basílio, 1904, p. 89). Segundo Victoria (1956), *abcesso* é a grafia correta. Em consideração, porém, à etimologia e à preferência atual na comunidade médica, é recomendável *abscesso* (Rezende, 1998). Afirma Proença Filho (2003, p. 34) que as duas formas são admitidas, mas é de boa valia assegurar a presença do *s* da primeira sílaba e os *ss* da última. No Vocabulário Ortográfico da Academia de Ciências de Lisboa, consta *ab(s)cesso*, que faz referência a uso facultativo do *s* (Oliveira, 1949). O Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa (2001) averba as duas formas, mas, em abscesso, dá remissão para abcesso, o que mostra preferência por esta última forma. O Aulete (1980) e o Mirador (1980) não traz *abcesso*, apenas *abscesso*. No dígrafo *sc*, a supressão do *s* justifica-se pela inutilidade fonética dessa letra (Barbosa, 1917), e foi a simplificação fator proeminente nas reformas ortográficas já ocorridas, de modo que a escrita abcesso encontra-se averbada por excelentes vocabularistas como Cândido de Figueiredo, J. I. Roquete, Domingos Vieira, Silveira Bueno e Pedro Pinto, além de ser encontrada na literatura médica atual. Bons dicionários, como o Aurélio (Ferreira, 2009) e o Houaiss (2009) dão abcesso com

remissão a abscesso o que indica esta última como forma preferencial. O Houaiss (2009) registra *abcesso* como forma não preferencial de *abscesso*. Outras fontes, como o Dicionário Médico Climepsi (Fonseca, 2012) e o Dicionário de Manuel Freitas e Costa (Costa, 2005) dão apenas *abcesso*. Segundo estudo de Rezende (2011), em 204 artigos indexados pela Bireme, 91,9% usaram *abscesso*.

Abcesso e abscesso são nomes presentes na literatura científica e médica como se lê em passos como:

Abcesso periodontal em paciente usuária de piercing lingual: relato de caso clínico (Rev Bras Odontol. 2007; 64(1/2): 49).

A ressonância magnética revelou lesão nos corpos vertebrais de T12 e L1 com abcesso paravertebral (Arq Neuro-Psiquiatr. 2002;60(1):142).

Outros dois com abcesso pélvico foram submetidos a drenagem (Ars Curandi. 1997;30:66).

Mal de Pott torácico com abscesso mediastinal (Arq Bras Neurocirurg 1994;13:189).

Etimologia. Quase todas as palavras da língua portuguesa em sua forma atual guardam intimidade com o respectivo étimo nos campos semânticos, fonéticos e gráficos, com ressalvas das letras *k*, *w* e *y* e grupos consonantais como *ph*, *th*, *ch*. Desse modo, a etimologia pode ser útil no estabelecimento de normas de usos. Ambas as formas, abcesso e abscesso, são oriundas do latim *abscessus*, matéria que se afasta do organismo (Machado, 1977), participio de *abscedere*, afastar-se, abandonar, de *ab*, afastamento, e *cedere*, andar, ir embora (Basílio, 1904; Ferreira, 1996).

¹ Editor da Revista Brasília Médica.
Do Hospital Universitário de Brasília – UnB – Brasília/DF

Observa Figueiredo (1922, p. 215) que abscesso não é vício de linguagem e não se estriba mal na etimologia latina; que o grupo *sci* perde na pronúncia o *s*, de *scena* formou-se *cena*, de *sciência*, *ciência*; que a pronúncia é a lei suprema da grafia nacional; que do latim *existire* veio *existir*, de *exsanguis* veio *exangue*, de *exstinguire* veio *extinguir*. Conclui que a lógica e o bom senso mandam preferir *abcesso* a *abscesso*.

Importa considerar que, em latim, *a*, *ab* e *abs* são propriamente preposições, com o sentido de afastamento. Mas, em muitos casos, essas preposições agregaram-se ao termo ao qual se referem com função de prefixo. Como prefixo antes de elementos iniciados por *c*, *p*, *q* e *t* usa-se a forma *abs* (Ferreira, 1996), como em *abscondere*, *aspostare* (de *abs* e *portare*), *absque*, *abstinere*. Assim, de *abscessus* procede normalmente abscesso em português, não abcesso. Pensa-se que abcesso vem primariamente do latim *abscedere*, afastar-se, mas não é bem assim procede do grego *apostema*, que tem o sentido de jogar fora, ou arrastar para fora como se tratasse de maus humores, o que passou para o latim com esse mesmo sentido como *abcesso* (Haubrich, 1977).

Tomar a etimologia como base para formação de termos técnicos científicos franqueia mais consistência para formar uma base sólida e perene, pois o étimo é imutável, com exceção dos casos ainda obscuros. Tomar como base o uso atual, ou mesmo o tradicional em alguns casos, tomar o que existe em determinado momento no âmbito das transformações dos sentidos de muitos nomes, terá base enfraquecida pois estes sentidos podem ser modismos que se modificarão com o passar do tempo o que equivale a fazer alicerces na areia.

Ainda mais é certo que a tradução de termos formados com base etimológica servirá para uso e compreensibilidade e aceitabilidade em todas as línguas cuja origem seja a mesma. A segurança etimológica dará também mais credibilidade as traduções para idiomas de

outras origens. É importante lembrar que o indo-europeu originou as línguas europeias atuais, o que reforça o papel da etimologia na formação e no uso das palavras. O sentido ou a grafia tomados em certo momento diacrônico de um termo variará de acordo com a língua em que ocorre a transformação da forma ou do sentido da palavra. Esse tipo de neologismo não servirá adequadamente como tradução para outra língua como ocorre com abcesso, anemia severa, malformação e outros casos.

Semântica. A definição de abscesso apresenta também desarmonia entre dicionaristas, autores médicos e especialistas sobre o tema.

Semântica diacrônica. Como acumulação de urina ou matérias fecais fora das vias que lhes são próprias é usado como diacronismo, isto é, obsoleto (Houaiss, 2009).

Semântica sincrônica geral. O Houaiss (ob. cit.) dá abscesso como acumulação de pus numa cavidade formada acidentalmente nos tecidos orgânicos, ou mesmo em órgão cavitário, em consequência de inflamação.

O Aurélio consigna abscesso como acúmulo de pus em uma cavidade formada em consequência de processo inflamatório em um ou mais locais de órgãos ou em cavidades do corpo.

Semântica sincrônica especializada. Ambos os nomes têm o mesmo significado de inflamação aguda ou crônica com coleção localizada de pus, geralmente causado por bactéria piogênica sediada profundamente no tecido (Robbins, 1975, p. 79) ou secreção seropurulenta um exudato com células inflamatórias degeneradas, tecido necrosado, micro-organismos, gases formados por estes, vermes (helminthos) contida em uma cavidade neoformada por tecido inflamado por vezes com fibrose. Diferencia-se de empiema por este se formar em cavidades preexistentes como a pleural e a peritoneal (Rey, 2003). No entanto, outros dicionaristas médicos dão abscesso como coleção purulenta em espaços limitados que separam um tecido de outro, como alvéolos dentários, vias

biliares, extradural, intradural, mastoideo, lacrimal, orbital, paranefrítico, subfrênico, espermático, subaponeurótico, sudoríparo, tubovariano, timpânico, vítreo. Há também os abscessos cujas coleções purulentas preenchem os espaços residuais formados por intervenções cirúrgicas. Diferencia-se de fleimão, celulite, erisipela por terem essas lesões coleção seropurulenta difusa (Coutinho, sem data).

Ortografia. Ambos são nomes abonados pela ortografia oficial (Academia, 2009).

Em muitos casos, por não ter pronúncia em nosso falar, o *s* da forma latina desapareceu na forma vernácula. Ex.: *scientia* > ciência; *exscribere* > escrever; *exsultare* > exultar; *extirpare* > extirpar; *extinguire* > extinguir; *existire* > existir.

Mas o grupo *sc*, no interior do nome, em quase todos os casos, permaneceu até nossos dias: *fascia* > fâscia; *fascinare* > fascinar; *conscientia* > consciência; *consciis* > cõnscio.

Convém frisar que os lusitanos pronunciam diferentemente os dois nomes, isto é, *abxesso* em relação à grafia abscesso e, em relação a abscesso, a dicção é semelhante à brasileira.

Outras línguas. Em francês, se escreve *abcés (mais usado) e absécés*, em inglês, *abscessus, abcess* (menos usados) ou *abscess*, em castelhano, *abceso* (menos usado) e *absceso*, em italiano, *ascesso*. A frequência das formas mais usadas ou menos usadas foi observada pelo número correspondente de fontes nas páginas de busca da internet (www.bireme.br, Google Acadêmico).

Sinônimos e expressões correlatas. Apostema ou postema (do grego *apostema*), coleção purulenta, pústula (abscesso pequeno), .

Conclusão. Por todo o exposto, ambas as formas, abscesso e abscesso, são legítimas e usáveis. Mas, nacionalmente, a preferência está em abscesso.

REFERÊNCIAS

1. Academia Brasileira de Letras. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, 5.^a ed., São Paulo: Global; 2009
2. Academia das Ciências de Lisboa. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Portugal: Editorial Verbo; 2001
3. Aulete, C; Garcia, H; Nascentes, A. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, 3.^a ed., Rio de Janeiro: Delta; 1980
4. Barbosa, P. Dicionário de Terminologia Médica Portuguesa, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro; 1917
5. Basílio, PA. Vícios da nossa linguagem médica, Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger; 1904. p 89
6. Bueno, FS. Dicionário da Língua Portuguesa, Lisa, São Paulo, s.d
7. Costa, MF. Dicionário de termos médicos. Porto, Portugal: Porto Editora; 2005
8. Coutinho, AC. Dicionário enciclopédico de medicina, 2.^a ed., Lisboa: Argo Editora; sem data
9. Ferreira, ABH. Coordenação de Ferreira, MB e dos Anjos, M. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, 4.^a ed., Curitiba: Editora Positivo; 2009
10. Ferreira, AG. Dicionário de Latim Português, Portugal: Porto Editora; 1996
11. Figueiredo, C. Novo dicionário da língua portuguesa, 4.a Ed., Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão; 1926
12. Figueiredo, C. Vícios da Linguagem Médica, 2.^a ed., Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1922. p. 215
13. Fonseca, F; Falcato, JÁ; Andersen, F; Almeida, JN; Tojinha, M. Dicionário Médico Climepsi. Lisboa: Climepsi; 2012
14. Haubrich, WS. Medical meanings: a glossary of word origins. Philadelphia: American College

- of Physicians, 1997
15. Houaiss, A; Salles, VM; Franco, FMM. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 1.^a ed., Rio de Janeiro: Objetiva; 2009
 16. Machado, JP. Dicionário etimológico da língua portuguesa, 3.^a ed., Livros Horizonte, Lisboa, 1977
 17. Mirador Internacional. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo; 1980
 18. Oliveira, J. Medicina e Gramática, Rio de Janeiro: edição do próprio autor, 1949
 19. Pinto, PA. Dicionário de Termos Médicos, 8.^a ed., Rio de Janeiro: Editora Científica; 1962
 20. Proença Filho, D. Por dentro das palavras da nossa língua portuguesa. 2.^a ed., São Paulo: Record; 2003. p. 34
 21. Rey, L. Dicionário de Termos técnicos de medicina e saúde, 2.^a ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
 22. Rezende, JM. Linguagem Médica, 2.^a ed. Goiânia: Editora UFG; 1998
 23. Rezende, JM. Linguagem Médica, 4.^a ed. Goiânia: Editora Kelps; 2011
 24. Robbins, SL. Patologia estrutural e funcional. Rio de Janeiro: Interamericana; 1975. p. 79
 25. Roquete, JI. Dicionário da Língua Portuguesa de José da Fonseca, Paris: Guillard, Aillaud, 1848
 26. Victoria, LAP. Dicionário de dificuldades, erros e definições de português, 2.^a ed., Rio de Janeiro: Pongetti; 1956
 27. Vieira, D. Grande dicionário portuguez ou thesouro da língua portugueza. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes; 1873

Endereço para correspondência
simonides@uol.com.br